

O ofício do ensaísta

Sylvio Lago Jr.*

RESUMO

Este artigo procura revelar o processo intelectual que caracteriza o trabalho do ensaísta. Pretende, também, evidenciar os diversos graus de temas e abordagens de que se vale o ensaísta ao realizar uma espécie de “alquimia do espírito”, transfigurando e recriando temas novos ou consagrados, valendo-se de vários métodos críticos e de análise interpretativa. Palavras-chave: análise; crítica; ensaio; extensão; interpretação e temas.

SUMMARY

This article tries to reveal the intellectual process that characterizes the work of the essayist. It is also intended to evidence the different levels of themes and approaches that are used by the essayist to make somehow an alchemy of the spirit, transforming and re-creating new and consecrated themes by different methods of criticism and interpretative analysis.
 Key words: analysis, criticism, essay, extension, interpretation and themes.

RESUMEN

Este artículo intenta desvelar el proceso intelectual que caracteriza el trabajo del ensayista. Intenta, también, evidenciar los diversos grados de temas y planteamientos de que se sirve el ensayista al realizar un tipo de “alquimia del espíritu”, transfigurando y reviviendo temas nuevos o consagrados, sirviéndose de varios métodos críticos y de análisis interpretativo.
 Palabras-clave: análisis; crítica; ensayo; extensión; interpretación y temas.

“**N**ada é definitivo no texto dum ensaísta de lei, a não ser a eterna procura”.

Massaud Moisés

Do ofício

O trabalho do ensaísta se inicia e termina nos limites de sua experiência pessoal e do esforço que seu espírito realiza para encontrar e formular idéias adequadas. Isso equivale a dizer que a ensaística, não raro, é uma composição escrita em prosa na qual o escritor estuda, discute e desenvolve um tema ou propõe idéias sem nenhuma pretensão de esgotar o assunto. Dessa perspectiva, o ensaísta passa por um processo de reflexão e de apreensão de idéias e materiais alheios e próprios com longos cuidados de quem capta, aclara e escreve, valendo-se de argumentos que fundamentam as questões estudadas.

Pode-se argumentar ainda que o ensaísta não deve ser escravo nem intérprete literal de autores e temas, devendo, então, afirmar sua capacidade de análise segundo os preceitos de seus métodos e suas concepções.

Com muita frequência têm-se visto autores de ensaio de teor provocativo revelando capacidade de revolver idéias e posições dos campos de estudo e conhecimentos que abordam. Disso resulta que o intelectual deve preservar a autenticidade de seu próprio pensamento, construindo seus ensaios sobre interrogações ou lacunas, considerando a relatividade de algumas certezas, e evitando-se, dessa forma, concepções centrípetas e monísticas do mundo.

Como pensador de idéias, sua pretensão deve ser a de um exímio analista da ciência da interpretação, capaz de estabelecer conexões sutis entre concepções e juízos e com apreciações sempre nítidas. É justo e natural que, trabalhando formas livres de análise e interpretação, todo ensaísta tenha o hábito de tudo anotar, de nada perder, arrolando, com cuidado, as informações que vai garimpando no decorrer de suas leituras. Ele deve ter o que Mário de Andrade chamava de “hábito virtuoso” da leitura e seus registros, organizando suas anotações e pensamentos até alcançar o que se denomina, um tanto convencionalmente, *ensaio*.

Embora se trate de um gênero em que o autor escreve quase sempre na

primeira pessoa do singular, o ensaísta não precisa ser um egotista que fala sempre de si mesmo, a exemplo de D'Annunzio, que confessava: "Io non so parlare se non di me".

Por outro lado, H.G. Wells sublinha e adverte quanto à importância da ausência de maniqueísmos simplórios, do que chamava, com muita propriedade, de "visão de governanta", isto é, "eles", os maus, estão fazendo essa coisa horrível para "nós", os bons.

Parece claro que o ofício principal do ensaísta é analisar os significados das realizações criadoras e das várias questões, submetendo-os ao crivo da indagação mais profunda ou da discussão circunstancial.

Do repertório de temas escolhidos para criar e trabalhar, combina, adapta, expande e recria concepções e interpretações próprias ou alheias. Registra, também, impressões e conclusões de suas leituras ou de suas conversações interiores ou do diálogo imaginário com outros autores, com pensamentos e argumentações que se desdobram ao longo de seu processo criador.

Franklin de Oliveira, em importante texto, ressalta que "o ensaísta é por excelência um experimentador, e sua virtude máxima é excitar, estimular, incitar a problemática, conduzir à indagação e à dúvida". Porém, como não se podem estabelecer linhas únicas desse trabalho, o ensaísta deve, naturalmente, esclarecer problemas, fixar distinções e paralelos, reexplicar conceituações e extrair de si e de outros autores as melhores visões, realizando interpretações à luz de uma ampla investigação, sem rigidez perceptiva ou precipitadas generalizações.

Outra dimensão que merece destaque quanto ao ofício do ensaísta é a de que este não precisa ter a objetividade de um redator de atas ou a exatidão de um guarda-livros, não obstante realizando interpretações objetivas dos fenômenos que analisa. Além disso, pode não esconder simpatias e aversões, assumindo, nitidamente, posições a favor ou contra, de forma a buscar ora uma visão abrangente ora específica, marcada pela busca de originalidade, pelo estilo conciso e elegante no fundo e na forma.

Não poucas vezes, o ensaísta revive o papel dos intelectuais da Idade Média que, na opinião de Jacques Le Goff, "eram homens cuja ocupação consistia em pensar e ensinar o seu pensamento". Em tal ordem de idéias, recuando ainda mais no tempo, alguns analistas consideram que Sócrates e Plutarco foram os patriarcas do gênero, sendo Platão, segundo Lukács, "o maior ensaísta que jamais existiu".

Requisitos

Abordando valores, idéias e ideais, o ensaísta precisa de cultura, imaginação, sensibilidade e bom gosto. A cultura é necessária para, sobretudo, tornar aguçado o espírito crítico que passa a exigir dele, algumas vezes, o sacrifício de suas predileções pessoais. Notemos, também, que, além

de culto, é preciso que seja sensível, não sendo difícil perceber que a sensibilidade é uma das forças mobilizadas pela própria cultura.

Igualmente ponderável é o valor da capacidade analítica de interpretar corretamente, que deve ser regulada pela dúvida metódica, isto é, da distância crítica que permita uma aproximação de realidades contraditórias recusando a primazia de conclusões fáceis ou óbvias. Essa, certamente, será a melhor forma pela qual atuará o ensaísta para reconstruir vários pensamentos e idéias, como forma de representação da inteligência. Parece ainda certo levar em conta o velho provérbio idíche, segundo o qual "por exemplo" não é argumento de dissertação ensaística.

Outra evidência diz respeito à veracidade das análises sem disfarces intencionais de fatos quando de uma exposição. Com efeito, sendo um gênero literário no qual não se pode diminuir a importância de qualquer atributo do ensaísta, é de se lembrar que tanto o exercício da memória e do sentido de organização quanto o registro das leituras têm um peso considerável, tendo em vista que o ensaísta é um colecionador metódico de conhecimentos e fatos que serão por ele estudados.

A atitude ensaística se caracteriza, além disso, pelo livre-exame, pela reflexão, pela crítica, pela paciente investigação e pela elasticidade mental do autor no exercício do compreender e do explicar.

No ensaio, o autor esforça-se por expor e medir os conhecimentos humanos e seu estudo, mais do que um relato ou simples descrição: é uma associação da prática articulada do conhecimento estimulado pela criatividade. Desse modo, o ensaísta deve observar ou recolher fatos, conceber novos pensamentos, reescrevê-los em operações distintas umas das outras, realizando interpretações que fixam o que o autor, sob análise, desejou ou não dizer – tudo empreendido com espírito isento, não prevenido, para que possa determinar as reais opiniões do autor, inclusive de pensamentos que estejam por detrás das palavras.

Observemos, também, que as percepções do ensaísta não devem ficar encerradas em quadros estreitos de pensamentos únicos que colocam sob risco a criação de um ensaio submetido a amarras do cerceamento do espírito.

Por outro lado, o ensaísta nunca diminui a importância do seu ofício, mas, acima de tudo, confere-lhe estatuto de gênero literário. Mesmo que seus processos sejam alternados pela disciplina racional e pela fantasia metafórica, com imagens, analogias e ritmos verbais, afastados dos cânones convencionais, exige-se dele não só idéias, mas também emoções, sem deixar de ser um aplicado divulgador e comentador de textos e autores.

Importa, ainda, sublinhar que outra característica necessária é o poder de observação de panoramas intelectuais, incorporando-os às suas reflexões. Retratando

ou comentando o emaranhado, às vezes, incongruente de idéias, o ensaísta deve, todavia, ordená-las, analisando-as e relacionando-as com os recursos da teoria interpretativa.

Não menos significativos são os dados da memória e das anotações, na medida em que o ensaísta indaga e reflete, reconstituindo pormenores, acontecimentos, fatos e idéias que marcaram a trajetória do que está analisando ou argumentando no plano crítico.

Em conclusão e na generalidade, podem-se considerar como múltiplas qualidades do ensaísta a segurança do julgamento, as qualidades essenciais do bom gosto, a mais ampla informação possível, a isenção e o método expositivo seguro, tanto no espírito quanto na forma, além de certa dose de força criativa. É ainda importante que o escritor seja um estudioso incansável, sem descambar para o erudito livresco, que seja um “perfeito leitor e um autêntico escritor” (fórmula de Álvaro Lins) e que saiba exprimir seus processos de compreensão e de interpretação das obras, revelando suas concepções e valores.

O estilo

O estilo do ensaísta deve responder às exigências de ordem e clareza com exposições inteligíveis, narrativas coerentes e argumentos que fundamentem suas convicções. Por isso mesmo, deve-se evitar efeitos puramente literários, frases rebuscadas ou marcadas por equívocas conceituações que possam dar ao leitor leigo a falsa ilusão de profundidade. Devem estar muito mais no espírito do estilo a concisão, a sobriedade e a forma direta, buscando atingir a expressão exata, que visa à exposição do seu conhecimento. São também qualidades necessárias desse estilo a originalidade, a coesão, a flexibilidade e a sutileza postas a serviço do processo de análise. Deve-se observar, ainda, os padrões de gosto e de valores.

Lucia Miguel Pereira, em penetrante estudo sobre o estilo ensaístico, observa que “confunde-se profundidade com obscuridade. Ora, a clareza não é apenas a melhor qualidade do estilo, a luminosa irmã da harmonia. É também uma forma de polidez para com o leitor”. Nesse particular, faz-se necessário a ausência de detalhismos talmúdicos que não constituem condição para argumentação convincente e muito menos raciocínios duros e esquemáticos impeditivos da fluência de pensamentos e da expressão da emoção em todos os seus matizes.

Em muitos sentidos, devem coexistir, no ensaio, os vários princípios de organização interna que se combinam para ordenar e compor o trabalho da escritura ensaística. O mesmo princípio vale para o espírito da liberdade, não sendo por mero acaso que são, obviamente, incompatíveis o ensaísmo e o dogmatismo, pois ambos se repelem naturalmente.

Consideremos ainda que do ensaísta esperam-se clareza no questionar, ojeriza ao clichê e ao senso comum,

originalidade e ótica inovadora, chamando a atenção para aspectos evidentes que, às vezes, poucos podem ter notado. Assim, além de revelar questões novas da produção intelectual sob análise, ele leva também o leitor a pensar a partir da discussão e do refinamento das idéias inéditas que faz surgir.

Temas

No seu ofício, o ensaísta pode tomar como assunto de estudo qualquer tema, desenvolvendo sua dissertação em sentido restrito ou, então, com largas vistas de conjunto, exigindo-lhe um inquérito de reconstrução própria pela análise, comparação ou conjectura.

Acrescente-se que a diversidade de temas é quase infinita, podendo-se fazer uma analogia com o estudo da História, que contempla tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que circula como pensamento ou idéia. Por isso, a arte ensaística é considerada um gênero literário que trata de um quadro de referências uni ou multi-dimensional com variadas possibilidades de entrelaçamento de diversas visões intelectuais. Temas que convidam à liberdade de interpretação porque apresentam muitos planos de leituras, justapondo opiniões próprias e alheias em graus variáveis de percepção e compreensão.

Estrutura e recriação

Sem abdicar das liberdades da imaginação que são próprias do ensaísta, muitas vezes este é mais um intérprete do que um crítico judicativo ou censor. E pode-se presumir que, sem imaginação e fantasia, não existe o ensaísta capaz de ser um intérprete, como acontece com qualquer artista da recriação.

Não nos deve escapar à observação que o ensaio é exigente de minuciosos planejamentos e procedimentos de organização, visando à construção dos textos, fatores esses que se superpõem e se combinam para ordenar o trabalho de sua apresentação.

Para consecução desses preceitos, o ensaísta deve impor-se uma série de obrigações que exigem ordenação sistemática da matéria coligida, informe e desordenada.

Mas advirta-se que tudo pode ser realizado sem a necessidade de uma extenuante disciplina, devendo-se observar, ainda, que, se o campo de trabalho ensaísta é livre nas aventuras de seu espírito, o exercício do discurso subordina-se a uma certa estrutura, com o emprego de um sentido de ordenação de seu pensamento que pressupõe a exposição de idéias com início, meio e fim, dotadas de conteúdo real.

Atente-se, mais uma vez, que esse “método” é uma mera ferramenta destinada à escrita e composição do ensaio, pois, como sugere Massaud Moisés, “de certa maneira, cada ensaio ostenta uma estrutura irrepitível”.

Nesse particular, o ensaísta é um artista da recriação

tanto quanto o pianista e o maestro, cujas interpretações nunca se repetem. Pode-se afirmar que, guardando uma certa liberdade analógica, a execução de uma obra musical repetirá sempre o milagre da recriação, pois, como no ensaio, não existem duas interpretações iguais, ainda que de um mesmo artista. Assim, tanto no ensaio como nas artes da interpretação, não prevalece uma só ordem regendo estes universos. Por outro lado, é preciso considerar que, se o ensaio não possui uma espécie de forma-sonata como na música, ele não pode ser, também, construído sem uma forma, mesmo que livre, como, aliás, também ocorre nas artes musicais.

Como o intérprete na música, o ensaísta assume, assim, o papel de mediador entre a obra e o autor, entre a obra e o leitor, realizando a tarefa de informar e formar o público que lê, revelando-lhe novos aspectos, descobertas e visões complementares.

De modo geral, se o ensaio “é infenso a padrões cristalizados” como adverte mais uma vez Massaud Moisés, no nosso entendimento, ele não pode ser “antitético” como preconiza Jorge de Senna, “construído discretamente para a confusão dos espíritos”. Tal afirmação nos parece demasiadamente categórica, devendo-se, assim, descontar sua impropriedade e exagero.

Convém, ainda, recordar que, na avaliação de Antônio Cândido, o ensaísta é um “releitor”, isto é, é aquele capaz de desenvolver um texto novo a partir de “uma visão equilibrada, correta e discretamente apaixonada pelos textos e autores”. “Releitor” capaz de abordar temas literários complexos e variados que, com a segurança da informação aliada à clareza e à expressividade da escrita, buscam satisfazer os que gostam e que aprendem com os diferentes enfoques da produção literária.

Brevidade *versus* extensão

Em linhas gerais, pode-se considerar que a brevidade é um procedimento ancestral na construção dos ensaios, o que, na realidade, não é completamente verdadeiro em alguns casos. A esse propósito, nas palavras de Fustel de Coulanges, “para um dia de síntese, são precisos anos de análise”. Essa opinião é, geralmente, compartilhada por aqueles que trabalham os textos ensaísticos. Tudo isso, bem entendido, deve estar munido de bastantes consultas bibliográficas e argumentos destinados a classificar, integrar e resumir, de modo racional, o discurso do autor. Tal constatação sugere que se repita a noção de que a síntese deve ser capaz de refletir os aspectos multiformes do pensamento do ensaísta e do autor sob análise, apresentando idéias com grande sentido de condensação.

No julgamento de Massaud Moisés, “o ensaio pede-se breve”, mas as muitas peculiaridades do caráter ensaístico, às vezes, desmentem essa afirmação. Isso é,

particularmente, visível em certos autores que ignoram a síntese e a brevidade, transformando seus estudos em grandes panoramas que incorporam uma soma considerável de pormenores ao texto ensaístico. É o que, certamente, ocorre com os ensaios de Antônio Sérgio, Aldous Huxley, T. S. Eliot, Ivan Junqueira, Otto Maria Carpeaux e, por singularidade, às vezes, com o próprio Montaigne, o criador do gênero.

O ensaísta, o crítico e o cronista

Muitas vezes, é difícil traçar uma linha divisória nítida entre o ensaísta e o crítico. É de se observar que, se o ensaísta pode ser um crítico no seu próprio texto, deve-se reconhecer, contudo, que nem sempre um crítico escreve matéria ensaística quando trata das questões do mundo da expressão e do pensamento.

Não é difícil perceber que, para o ensaísta, o ato de julgar pode ou não surgir no seu processo, mas para o crítico é fator determinante, como primeira e derradeira instância. Nesse contexto, percebe-se que o ofício do crítico tem por essência avaliar o mérito e o valor de um autor e de uma dada obra criada. Com efeito, no ensaio, é mais do que evidente que o foco narrativo é a análise e a reflexão, ao passo que, na crítica, o marcante e decisivo constituem o firmar juízos de valor, apreciando e julgando o significado de seu objeto de trabalho.

Com relação à crônica, ela pode, às vezes, avizinhar-se ao ensaio quando se reveste de características estritamente literárias. Observemos, todavia, que a crônica possui algumas acepções que são distintas do ensaio, principalmente quando tem feição jornalística, retratando ou não o cotidiano efêmero ou com textos de qualidades literárias perduráveis. Noutras palavras, Luís Fernando Veríssimo observa que “talvez a grandeza da crônica esteja na sua fugacidade” (*Cult*, abril 2001). Um mestre de crônicas, Veríssimo observa que elas são um exercício de estilo, de humor, de clarividência, e mesmo de reflexão e do que denomina “cultura de curto prazo”.

As crônicas não só de Veríssimo como de outros grandes cronistas têm origem circunstancial, e nem por isso deixam de se inserir no contexto das posições e preocupações do autor.

De outro ângulo, Affonso Romano de Sant’Anna considera que, “por ser um gênero entre o jornalismo e a literatura, a crônica pode usar da sedução da palavra literária para obter uma resposta imediata que o só o jornalismo dá” (*O Globo*, 28/02/2001).

Wilson Martins diz que “a crônica é a literatura do jornalismo”. Na maioria das vezes, as crônicas podem ser reunidas em ensaios, dando nascimento a um livro. Isso justifica o aparente paradoxo do jornal passando a constituir-se em grande fenômeno da cultura democrática,

permitindo ao escritor utilizá-lo como veículo de produção intelectual e instrumento de encontro de seu pensamento com o público, de sua cultura com o leitor do cotidiano.

Muito já se cogitou sobre a crônica e o ensaio; não obstante o parentesco entre ambos, sobreleva-se o caráter doutrinário da matéria ensaística. Nessa ordem de idéias, a crônica, às vezes, não tem caráter fugaz, oscilando entre numerosas categorias de expressão, da poética à humorística, do conto à análise dos fatos políticos e demais matérias jornalísticas, como é o caso de crônicas de Luís Fernando Verissimo, de Carlos Heitor Cony, de Villas-Boas Corrêa e de outros.

Conclusão

Com todos os pressupostos antes definidos, pode-se considerar que a arte e o ofício do ensaísta são, essencialmente, baseados no saber dos livros, na persuasão dos argumentos, na clareza do pensar e no apuro formal do desenvolvimento das idéias.

É manifesto ainda que, pela mesma lógica, exige-se dele a pureza e a espontaneidade da linguagem, a ordenação conseqüente das idéias e o fascínio evidente da liberdade temática. Os temas são escritos segundo cada visão e na forma de cada pensamento destinado tanto ao leitor quanto a um hipotético interlocutor que adquire autonomia própria.

Torna-se lícito afirmar, também, que as dissertações do ensaísta podem ampliar e aprofundar as diferentes tendências de seu pensamento, com base no sempre necessário amadurecimento de suas convicções e na objetividade do processo comunicativo textual.

Deve-se lembrar que o encargo moral e intelectual do ensaísta consiste em escrever para diferentes públicos, sem cair na armadilha da vulgarização, sem trair a idoneidade de seu pensamento pelo rebaixamento de suas convicções intelectuais.

Bibliografia

- FREYRE, Gilberto. *Alhos e bugalhos*: ensaios sobre temas contraditórios; de Joyce à cachaça; de José Lins do Rego ao cartão-postal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- GOFF, Jacques Le. *A criação literária*. São Paulo: Cultrix, 1967.
- JUNGUEIRA, Ivan. *Prosa dispersa* – Ensaios. Rio de Janeiro: Topbooks, 1991.
- MATA, Aires Machado Filho. *Estudos de Literatura*. São Paulo: Edinal, s/d.
- OLIVEIRA, Franklin de. *Literatura e civilização*. Rio de Janeiro: Difel, 1978.
- PEREIRA, Lucia Miguel. *A leitora e seus personagens*. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1992.

* Sylvio Lago Junior é escritor, historiador, ensaísta, Membro Titular do PEN Clube do Brasil, da Academia Brasileira de Arte e da Academia Fluminense de Letras e Presidente do Círculo Eça de Queirós de Cultura Luso-Brasileira. É autor de *A essência e as formas*. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2000, e de *A arte do piano*. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2001.